

## TIO ANASTÁCIO

Jayme Caetano Braun

Entre a Ponte e o Lajeado  
Na venda do Bonifácio  
Conheci o tio Anastácio  
Negro velho já tordilho;  
Diz que mui quebra em potrilho,  
Hoje, pobre e despilchado,  
De tirador remendado  
Num petiço douradilho...

Quem visse o tio Anastácio  
Num bolicho de campanha  
Golpeando um trago de canha  
Oitavado no balcão,  
Tinha bem logo a impressão  
Que aquele mulato sério  
Era o Rio Grande gaudério  
Fugindo da evolução!

A tropilha dos invernos  
Tinha lhe dado uma estafa,  
E aquela meia garrafa  
Dentro do cano da bota  
Contava a história remota  
Do negro velho curtido  
Que os anos tinham vencido  
Sem diminuir na derrota!

Mulato criado guacho  
Nos tempos da escravatura  
Aquela estranha figura  
Na vida passara tudo;  
Ginetaço macanudo  
Já desde o primeiro berro  
Saia trançando "ferro"  
No potro mais colmilhudo!

Carneava uma rês num upa  
Com toda calma e perícia!  
Reservado e sem maílicia,  
Negro de toda a confiança,  
Bemquisto na vizinhança,  
Dava gosto num rodeio,  
De pingo alçado no freio  
Pialando de toda a trança.

Tinha cruzado as fronteiras  
Da Argentina e do Uruguai;  
Andara no Paraguai,  
Peleando valentemente,  
E voltara humildemente  
Como tantos índios tacos  
Que foram vingar nos Chacos  
A honra de nossa gente.

Caboclo de qualidade  
Que não corpeava uma ajuda,

Na encrenca mais peleaguda  
Sempre conservava o tino,  
Garrucha boca de sino  
Carregada com amor  
E um facão mais cortador  
Do que aspa de boi brasino!

Porém depois que os janeiros  
Foram ficando à distancia,  
Andou de estância em estância  
E foi vivendo de changa:  
Repontando bois de canga,  
Castrando com muita sorte,  
E em tempos de seca forte  
Arrastando água da sanga ...

Ficou sendo um desses índios  
Que se encontra nos galpões  
E ao derredor dos fogões  
Fala aos moços com paciência  
Do que aprendeu na existência,  
Ao longo dos corredores,  
Alegrias, dissabores,  
Curtidos pela experiência!

Tio Anastácio p'ra aqui;  
Tio Anastácio p'ra lá...  
Mandado mesmo que piá  
Por aquela redondeza;  
Nos remendos da pobreza,  
Entrava e passava inverno,  
Como um tronco, só no cerno,  
Peleguando a natureza!

Por isso é que nos bolichos  
Só se alegrava bebendo,  
Como se cada remendo  
Da velha roupa gaudéria  
Fosse uma sangria séria  
Por onde o sangue do pago  
Se esvaísse, trago a trago,  
Por ver tamanha miséria!

E até parece mentira  
- Negro velho de valor -  
Morreste no corredor  
Como matungo sem dono;  
Não tendo nesse abandono  
Ao menos um companheiro  
Que te estendesse o baixeiro  
Para o derradeiro sono!

E agora que estás vivendo  
Na Estância grande do Céu  
Engraxando algum sovêu  
P'ra o Patrão velho buenacho,

Não te esquece aqui de baixo  
Onde a 'lo largo- inda existe  
Muito xiru velho triste  
Como tu, criado guacho!